

De Crimes e Delitos



O DELITO CAPITOLINO

CAPITOLINE CRIME

José R. Maia Neto*

Universidade Federal Minas Gerais/ CNPq

RESUMO

Tito Lívio relata em detalhes a ascensão e queda de Marco Mânlio Capitolino nos tempos heroicos da república romana. O caso capitolino era bem conhecido entre os antigos, tendo sido citado por Cícero em discursos políticos e retomado e examinado por Plutarco na *Vida de Camilo*. Séculos depois, no Renascimento, para ilustrar filosofias políticas contrárias, o delito capitolino é destacado por Maquiavel em seu comentário de Tito Lívio e citado por Montaigne nos *Ensaíos*. Enfim, pouco mais de um século depois, o caso ainda inspira uma tragédia de Antoine de Lafosse d'Aubigny, frequentemente encenada na França até a primeira metade do século 19. Este artigo é um exercício de literatura e filosofia comparada entre estes relatos e o romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; Capitu; Capitolino

Os nomes de algumas das personagens dos romances machadianos têm evidente significado em suas respectivas tramas. Helena remete à tragédia homônima de Eurípidés.¹ Félix, de *Ressurreição*, e Fidélia, de *Memorial de Aires*, são nomes irônicos, pois o primeiro é incapaz de escapar às dúvidas que o impedem de alcançar a felicidade e a segunda não mantém a fidelidade ao finado marido Noronha nem aos “pais postiços” Aguiar.² Capitolina, protagonista de *Dom Casmurro*, é um nome não usual que remete à história de Roma antiga. O Capitólio é a mais alta colina da cidade, central na história

* jrmaia@ufmg.br.

¹ Este romance de Machado diferencia-se de todos os demais por apresentar características típicas da tragédia, como por exemplo, a cisão da heroína entre deveres e sentimentos opostos que a dilaceram até destruí-la. Além de apresentar aspectos formais do gênero, há semelhanças específicas com a tragédia de Eurípidés. Em certo sentido, a personagem de Machado é uma mera quimera (pois simula ser quem não é) que se destrói após a revelação de sua verdadeira identidade.

² “Memorial de Aires”, anotações de 3 de setembro e de 10 de outubro de 1899 in MACHADO DE ASSIS, *Obra completa em quatro volumes*, Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2008, v. I, p. 1277 e 1292. Todas as referências às obras de Machado são desta edição, indicadas pelo número do volume e página.

religiosa e política romana.³ O alto valor simbólico do local na história romana fez com que alguns dos seus heróis recebessem a alcunha de Capitolino, adjetivo que passou, assim, a significar glorioso.⁴ No caso da Capitu de *Dom Casmurro*, o termo, se tomado como adjetivo, designa, de forma irônica ou não, feitos (ou o caráter) gloriosos da heroína.⁵ Como o adjetivo era incorporado ao nome de personagens heroicas da história romana, é possível ir além da associação genérica entre Capitu e Roma antiga, examinando entre os homônimos da personagem machadiana algum que possa ser relevante na comparação com o romance. Vários Capitolinos são citados pelos historiadores de Roma antiga, mas dois se destacam: Tito Quinto e Marco Mânlio. O primeiro foi eleito cônsul repetidas vezes por ter sido dotado de grande habilidade política na conciliação entre patrícios e plebeus e por conquistas militares.⁶ Mas é o segundo, como já foi brevemente apontado por Magalhães Júnior,⁷ o mais relevante no contexto do enredo machadiano, pois não só é o mais famoso como também é o único marcado, como Capitu, pela ambiguidade: experimentou, no mesmo Capitólio, um período de glória e uma morte miserável. Além disso, Machado possuía em sua biblioteca as principais fontes existentes sobre Marco Mânlio. Constan em seu acervo pessoal traduções

³ O Capitólio abrigava o arquivo da República, estando, portanto, intimamente relacionado à origem da instituição republicana da qual é um dos seus principais símbolos. No poema “Visão”, publicado originalmente em *Falenas* (1869), Machado se refere ao Capitólio em Roma como símbolo do império romano em contraposição ao Calvário em Jerusalém, símbolo da cristandade. O poema narra a história da ascensão e queda do império romano, marcada por conquistas e derrotas militares (simbolizada por uma águia com as asas sujas de sangue) e sua superação pelo domínio espiritual cristão (simbolizado por uma pomba que alça voo do Calvário e pousa no Capitólio). “Na terra em que nascera,/ Após sangrentos séculos,/ A águia expirou; e então/ Desceu a pomba cândida/ Que marca a nova era,/ Pousou no Capitólio,/ Já berço, já cristão” (III, p. 654). Este poema foi sintomaticamente suprimido da edição da obra poética que Machado publicou em 1900.

⁴ Machado emprega o termo neste sentido em algumas ocasiões, por exemplo, no conto “Aurora sem dia”, originalmente publicado nas *Histórias da meia-noite* (1873). Quando Luiz Tinoco é eleito para uma assembleia provincial, “um suspiro [...] desafogou o coração do ex-poeta das dúvidas e incertezas de longas e cruéis semanas. Estava enfim eleito! Ia subir o primeiro degrau do capitólio” (II, p. 214).

⁵ Helen Caldwell cita o nome como uma das evidências da virtude da personagem (*O Otelô brasileiro de Machado de Assis*, p. 76). John Gledson aponta um significado importante no contexto da política brasileira da época do romance. “Seu nome é um bom ponto de partida: a colina do Capitólio em Roma foi, acima de tudo, a sede do poder, tanto republicano quanto imperial. Capitu não é desinteressada do poder, conforme o atesta sua admiração por César [...]. César marcou o período de transição entre a República e o Império. Mas devemos ser bastante cautelosos ao interpretar o interesse de Capitu pelo poder — sua ambição — como uma crítica direta a ela. Aqui [...] a ambiguidade é a essência do seu papel, como deixa claro a conexão da colina do Capitólio tanto com o Império como com a República” (GLEDSON, *Machado de Assis: impostura e realismo*, p. 99).

⁶ Ver TITO LÍVIO. *História romana* III, p. 66-70.

⁷ Magalhães Júnior especula se o relato de Plutarco, único apontado por ele, não teria “sugerido a Machado” a “dificuldade para provar a culpa de Capitu e para condená-la” (*Vida e obra de Machado de Assis*, v. 4, p. 109). O presente trabalho busca ampliar o espectro de intertextualidade entre o romance machadiano e a literatura sobre Mânlio Capitolino. Esta ampliação mostra que Plutarco pode, de fato, ter sugerido a Machado a dificuldade do narrador em condenar Capitu, mas a dificuldade para provar a culpa da personagem foi mais provavelmente tomada do relato de Tito Lívio.

francesas completas das obras de Tito Lívio e Plutarco que dão destaque a Mânlio.⁸ Além das obras dos dois antigos, Machado possuía também os *Ensaio*s de Montaigne nos quais Capitolino é citado em duas ocasiões.⁹ Outro influente filósofo renascentista, Maquiavel, dá grande destaque ao caso de Mânlio Capitolino no seu comentário de Tito Lívio. O romano foi ainda tema de uma tragédia do final do século XVII de Antoine Lafosse d'Aubigny, a qual fez sucesso na França até a primeira metade do século 19.¹⁰

Marco Mânlio foi cônsul, mas só se tornou herói – Capitolino – quando liderou uma resistência a uma invasão de gauleses em cerca de 390 a.C.¹¹ Roma estava, na ocasião, ocupada pelos bárbaros, que só não tinham ainda dominado o Capitólio. Quando os invasores tentaram conquistá-lo, escalando-o na calada da noite, encontraram a forte resistência de Mânlio, que os empurrou a golpes de espada abismo abaixo. Posteriormente, entretanto, este envolveu-se em atividades sediciosas. Acusou os membros do senado de roubarem os tesouros que haviam sido escondidos dos gauleses e exortou os plebeus a se revoltarem contra a autoridade dos patrícios. Devido a seu prestígio popular, em parte resultante do seu heroísmo contra os gauleses e em parte por seus discursos e ações em favor dos plebeus,¹² as autoridades tiveram grande dificuldade

⁸ TITE-LIVE. *Histoires romaines*. 1867 [livros 65, 66, 67 e 68 da biblioteca pessoal de Machado de Assis preservada na Academia Brasileira de Letras]. PLUTARQUE. *La vie des hommes illustres*. 1836 e 1838 [livros 40 e 41 da biblioteca pessoal de Machado]. Ver JOBIM. *A biblioteca de Machado de Assis*, p. 37 e 40. O levantamento dos livros que pertenceram a Machado foi inicialmente feito por Jean-Michel Massa e publicado na *Revista do livro* em 1961. Tito Lívio relata a história de Mânlio Capitolino no livro VI, 15-20 e Plutarco em *Camilo*, p. 47-48. Machado cita ambos os historiadores em crônicas, traçando paralelos entre episódios da vida dos antigos por eles narrados e episódios da vida de contemporâneos brasileiros. Por exemplo, em crônica de 5 de agosto de 1894, cita Tito Lívio, comparando o punhal com o qual Lucrecia se mata por ter sido ultrajada por Sexto Tarquínio com o de Martinha de Cachoeira na Bahia, usado para matar um rapaz da localidade que a assediou (IV, p. 1090-1091). Plutarco é citado em crônica de 11 de novembro do mesmo ano, coincidentemente a propósito de outro episódio passado também na Bahia: “A antiguidade cerca-me por todos os lados. E não me dou mal com isso. Há nela um aroma que, ainda aplicado a coisas modernas, como que lhes troca a natureza. Os bandidos da atual Grécia, por exemplo, têm melhor sabor que os clavinoteiros da Bahia. Quando a gente lê que alguns sujeitos foram estripados na Tessália ou Maratona, não sabe se lê um jornal ou Plutarco. Não sucede o mesmo com a comarca de Ilhéus. Os gatunos de Atenas levam o dinheiro e o relógio, mas em nome de Homero. Verdadeiramente não são furtos, são reminiscências clássicas” (IV, p. 1118).

⁹ Machado possuía uma edição dos *Ensaio*s publicada em Paris em 1870 (livro 500 do inventário de Massa). Ver JOBIM. *A biblioteca de Machado de Assis*, p. 76. Montaigne aparece com frequência nas crônicas, contos e romances de Machado.

¹⁰ O catálogo da Biblioteca Nacional da França indica, além de inúmeras edições no século 18, mais de 20 no século 19. Na “Notice sur Lafosse” de uma destas edições (Paris: H. Nicolle, 1818) é dito que “cette tragédie eut alors un grand succès, et tient encore aujourd’hui une des premières places dans le répertoire du théâtre français après les chefs-d’œuvre des grands maîtres”. É possível que “Manlius Capitolinus” tenha sido uma das várias peças francesas encenadas no Rio de Janeiro por companhias francesas durante o século 19. Sobre a presença do teatro francês no Brasil da época de Machado, ver FARIA. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*.

¹¹ Ver MOMMSEN. *Histoire romaine*, v. 2, p. 120. Machado possuía esta edição em sua biblioteca (item 49 do inventário de Massa).

¹² Mânlio defendeu dos credores os plebeus empobrecidos pela guerra. Dificultou a ação legal dos pretores nos processos penais contra os mesmos e, quando condenados, livrou-os da prisão através da quitação de suas dívidas.

em detê-lo. Uma primeira prisão causou tanta revolta popular que o senado foi obrigado a soltá-lo. Esta prisão teria aumentado ainda mais a rebelião de Mânlio, que passou a reunir uma multidão de sublevados em torno de sua casa no Capitólio. O impasse, que durou aproximadamente o mesmo tempo da brava resistência aos gauleses no Capitólio, é resolvido quando os próprios tribunos plebeus resolvem levá-lo a julgamento.¹³ Mânlio Capitolino foi enfim conduzido ao tribunal, mas, como do *Forum* avistava-se o Capitólio, para o qual ele apontava para relembrar suas proezas,¹⁴ os jurados não conseguiam condená-lo até que o julgamento foi transferido para fora da cidade, quando o réu foi condenado à morte e executado pela maneira então usual: arremessado do alto da pedra Tarpeia no Capitólio.¹⁵ Como observa Tito Lívio, “le même lieu fut pour le même homme, témoin d’un act admirable d’héroïsme et d’un supplice ignominieux” (VI, p. 20). Os romanos demoliram a morada do condenado, construindo no local um templo para a deusa Moneta, e decretaram que doravante ninguém mais poderia residir na montanha capitolina.¹⁶

Como já foi observado pelos intérpretes, há dois momentos bem diferenciados nas memórias de Bento sobre sua vida com Capitu: o período anterior ao casamento (sobretudo a adolescência) e o período do casamento, quando a vizinhança deixou de ser entre a casa de Bento e a de Capitu, na Rua de Matacavalos, e passou a ser entre a residência de ambos na praia da Glória e a de Escobar e Sancha na do Flamengo.¹⁷ O primeiro período é marcado pelo amor idílico que Bentinho busca reviver em suas memórias. O segundo alterna momentos de grande felicidade e de grande sofrimento e suspeita, que acabam por predominar e dominar a mente do narrador. O primeiro momento delimita uma fase heroica de conquistas. Bento relata, em uma primeira carta – longa – que deixaria para Capitu antes de se matar: “Não lhe lembrava o nosso passado, nem as lutas havidas, nem alegria alguma” (I, p. 1063). Este primeiro período da narrativa de Bento corresponde, assim, ao período de glória de Capitolino, que salva os romanos da escravidão dos gauleses,

¹³ Cito a tradução francesa de Tito Lívio de Machado (referência na nota 8): “Alors les tribuns militaires, et avec eux les tribuns du peuple (car, voyant que leur autorité succomberait avec la liberté publique, ils s’étaient mis à la disposition du sénat) se concertent tous ensemble sur les mesures à prendre” (VI, 19). Exceto indicação contrária, todas as citações de Tito Lívio são dessa edição.

¹⁴ “il mit à nu sa poitrine sillonnée de blessures reçues dans les batailles. De temps en temps, les yeux tournés vers le Capitole, il appelait Jupiter et les autres dieux au secours de sa fortune” (VI, p. 20).

¹⁵ Ver o curto conto de Machado “Antes a Rocha Tarpeia...” (OC, III, p. 1308-1310) no qual o narrador declara preferir repetir o sonho em que ficou preso no alto de um telhado estreito do que o sonho em que se encontra com um indivíduo maçante. Agradeço a professora Tereza Virgínia Barbosa por esta referência. A rocha Tarpeia do Capitólio é também citada em crônica de 7 de março de 1865 (OC, IV, p. 263).

¹⁶ A casa da infância de Bento na Rua de Matacavalos, em cujo quintal viveu o início do grande amor por Capitu, foi demolida após a morte da mãe (cap. 144, Uma pergunta tardia).

¹⁷ O período idílico anterior ao casamento é narrado do capítulo 3/A denúncia, quando Bento descobre-se apaixonado pela vizinha, ao capítulo 100, “Você será feliz, Bentinho!”, despedida da mãe que adquirirá um sentido irônico ao final do romance. O período que alterna momentos de grande felicidade e de grande infelicidade, que corresponde à vida de casado, começa no capítulo 101, No céu (referência à lua de mel no alto da Tijuca) e termina no 141, A solução, a saber, o exílio de Capitu na Europa. Os primeiros e últimos capítulos do romance referem-se à vida casmurra de Bento pós Capitu.

pois Capitu, em certo sentido, salva Bentinho da escravidão da mãe e da Igreja.¹⁸ O segundo período é – na visão de Bento – análogo à ação viciosa de Capitolino. Este último, movido pela libido *dominandi* (como Capitu, aos olhos enciumados de Bento, age pela libido *sentiendi*) seduziu o povo (tal qual Capitu a Escobar) para obter um poder ilegítimo (no caso de Capitu, viver uma paixão adúltera) que comprometia a República anteriormente viabilizada por ele mesmo (no romance, que ameaçava o casamento que Capitu mesma havia viabilizado no período heroico da adolescência).¹⁹

O relato detalhado de Tito Lívio traz de suas fontes uma descrição moral pouco abonadora de Marco Mânlio, em que pese o reconhecimento do seu heroísmo contra os gauleses: inveja de Camilo,²⁰ orgulho,²¹ desejo desmesurado de glória,²² ressentimento e ódio imenso aos senadores,²³ paixões que o teriam levado ao delito, gravíssimo no contexto romano republicano, de aspirar à realeza. Tito Lívio abandona neste ponto a atitude de mero historiador para fazer uma reflexão moral: “Ici, il faut insister, afin que l’on voie combien de nobles actions la honteuse passion de régner a pu rendre non-seulement stériles, mais odieuses” (VI, p. 20).

Essa consideração de Tito Lívio expressa o significado do delito capitolino no imaginário dos antigos. Cícero, por exemplo, cita Marco Mânlio em três ocasiões.²⁴ Em todas não faz qualquer menção à resistência heroica no Capitólio, sequer se refere a Marco Mânlio como Capitolino, mas alude somente ao crime hediondo de tentar se

¹⁸ Bentinho era filho único de mãe viúva. Matriarcal, originária da aristocracia rural, era bastante religiosa e, como havia perdido a primeira gravidez, prometeu fazer de Bento padre (ver cap. 11/ A promessa). Roberto Schwarz associa o casamento de Bento e Capitu à família nuclear característica da modernidade, cujo correlato político é a república. Ver SCHWARZ. “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”, p. 9-41.

¹⁹ Para a grande importância da temática do casamento no romance machadiano, ver MAIA NETO. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, onde mostro que os grandes romances da segunda fase são marcados por uma problematização do casamento, visto como panaceia para os sofrimentos das personagens dos primeiros contos de Machado, publicados entre 1862 e 1871.

²⁰ Mânlio teria tido inveja de Camilo, que obteve mais glória da guerra contra os gauleses, expulsando-os quando retornou com suas tropas a Roma, do que ele próprio que liderou a resistência interna. Este aspecto será enfatizado por Plutarco (ver *infra*).

²¹ “Ces pensées orgueilleuses enflaient son âme, naturellement portée d’ailleurs à la violence et à la colère” (VI, 11).

²² Na tradução de Amyot, lida por Montaigne, Mânlio é descrito como “se cherchant une renommée plutôt grande que bonne” (VI, p. 11). No ensaio de Montaigne sobre a glória, o caso exemplifica, entre outros, a corrupção que o desejo excessivo pela glória pode causar. “Chamamos de engrandecer o nosso nome o estendê-lo e espalhá-lo por muitas bocas; queremos que seja bem-visto e que esse seu crescimento lhe traga proveito: eis o que pode haver de mais desculpável nesse desígnio. Mas o excesso de tal doença chega ao ponto de muitos procurarem fazer falar de si de qualquer modo que seja. Pompeu Trogo conta sobre Eróstrato, e Tito Lívio sobre Mânlio Capitolino, que eles eram mais desejosos de grande que de boa reputação”. MONTAIGNE. *Os ensaios*, II, p. 440. Todas as citações dos *Ensaíos* em português são desta edição. A outra retomada por Montaigne do caso Capitolino nos *Ensaíos* é examinada adiante.

²³ “Manlius convoque les plébéiens chez lui, discute jour et nuit avec les chefs les projets de révolution, plus orgueilleux et plus irrité qu’auparavant [antes da prisão]. La colère avait été allumée en ce cœur peu fait aux outrages, par l’affront qu’il venait de subir [a prisão]” (VI, p. 18).

²⁴ Uma vez na *República*, II, p. 26 e duas outras em discursos feitos durante a crise da República com a ascensão dos generais César e Marco Antônio (*Philippicae* I, p. 32 e II, p. 114).

tornar rei. O delito é tão grave, segundo Cícero, que a mera suspeita (voltarei a este ponto no final) justificou a pena capital, aceita por todos romanos, patrícios e plebeus, inclusive pelos próprios familiares de Mânlio.²⁵ Plínio, na *História natural*, observa que as glórias alcançadas por Marco Mânlio foram tantas que poucos o teriam igualado se ele não as tivesse perdido no final da vida (*ni perdidisse illa exitu vitae*). Como diz Tito Lívio, os grandes feitos foram simplesmente aniquilados por causa da motivação espúria. Teriam sido altamente meritórios se o propósito de Mânlio ao fazê-los não tivesse sido o desejo de tomar o poder.²⁶

Além de Tito Lívio, Plutarco é outra fonte do delito capitolino muito provavelmente usada por Machado. Com efeito, as *Vidas* de Plutarco são, juntamente com a obra de Lívio, sua principal fonte de informação sobre a antiguidade.²⁷ O livro é citado no próprio romance, em seu clímax, quando Bento, já não suportando conviver com Capitu e Ezequiel, convencido que estava de que o menino era filho de Escobar, decide dar cabo à própria vida. Antes de fazê-lo, imita Catão – que leu o *Fédon* de Platão antes de se matar – lendo o tomo de Plutarco que relata o suicídio do grande político estoico romano.²⁸

A vida biografada por Plutarco em que é narrado o delito capitolino é a de Camilo. Acentua-se, assim, a contraposição entre os dois de maneira a sublinhar a virtude republicana do biografado em contraposição à sedição motivada pelo “ódio e inveja” de Mânlio.²⁹ Plutarco não coloca qualquer dúvida sobre a realidade do delito, cujas provas eram, cito a tradução francesa lida por Machado, “les plus évidentes”. Seu maior interesse está em mostrar a dificuldade dos plebeus em condenarem Marco Mânlio na primeira tentativa de julgamento no *Forum* por causa da influência de fatores não epistêmicos – como sentimentos – no

²⁵ Em *Philippicae* II, p. 114, Cícero cita o delito em discurso a favor de Brutus: o povo romano condenou à morte alguém acusado de aspirar à usurpação do poder republicano; Brutus assassinou César, que já havia usurpado tais poderes.

²⁶ PLÍNIO. *História natural* VII, p. 103.

²⁷ Estudo feito por Glória Vianna sobre os livros da biblioteca pessoal do nosso grande escritor revelou que o exemplar da *Vie des hommes illustres* é “bastante manuseado”. VIANNA. “Revendo a biblioteca de Machado de Assis”, p. 153.

²⁸ A decisão de Bento de se matar sinalizaria assim a admissão de sua derrota em face de Capitu, como fato incontornável, e a liberdade estoica do herói: não pode controlar os acontecimentos exteriores, mas é soberano sobre si mesmo e não se deixa capturar. Por se considerar virtuoso como Catão e não usurpador da instituição republicana como César (da instituição matrimonial como Escobar/ Capitu), Bento, embora derrotado pelos acontecimentos, seria livre por não submeter-se. Entretanto, o desenlace do clímax inverte a situação e é Catão/ Bento quem subjuga César/ Capitu. Ao invés de se matar, Bento exercita sua autoridade como um tirano tal qual César, exilando a mulher. A semelhança entre Capitu e César não passou despercebida a Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, que a interpreta como uma das indicações de um homossexualismo reprimido do narrador. “Ela era o conquistador e não a conquistada. A posição feminina é a de Bentinho, o pólo da passividade. Machado nos mostra Capitu como uma mulher que se encanta com um homem como Júlio César, um conquistador de mundos e mulheres [...]. Ela não só se identifica com o conquistador como fantasia tal homem para si – positivamente Bento Santiago estava muito longe deste ideal” (PINHEIRO DE FREITAS. “Eu não amo. É ela que o ama!”, p. 134-135).

²⁹ PLUTARCO. *Camilo*, p. 36. O relato de Plutarco difere, neste ponto, da sua principal fonte, Tito Lívio, em cujo relato a oposição de Mânlio não aparece tão polarizada contra Camilo mas contra os patrícios em geral e os senadores em particular.

exercício do juízo. O caso exemplifica a dificuldade do exercício do juízo penal justo, racional, não influenciado por fatores alheios às ações objeto do julgamento.³⁰

Plutarco destaca, em particular, a influência de signos rememorativos de feitos ou fatos favoráveis ao réu, mas alheios ao que está em juízo. Esta é evidentemente a situação de Bento, cujo juízo sobre a ação e caráter de Capitu (fiel ou infiel) é fortemente influenciado por circunstâncias alheias ao que está em questão, como o local em que se encontra. Na casa da Glória, próxima da de Escobar, Bento experimenta ódio por Capitu e deseja matá-la. Quando se afasta de lá e vai à casa da mãe na Rua de Matabalvos, onde vivenciou o amor idílico com a heroína, experimenta sentimentos contrários (cap. 134, O dia de sábado). Outro exemplo é o fato de Bento não conseguir executar a pena de morte que crê devida a Capitu e ao menino ao deparar-se com os afagos e sentimentos filiais de Ezequiel, os quais o levam a adotá-la (como se dá com os juízes de Capitolino face aos gestos do réu apontando para o Capitólio).³¹

No renascimento, Maquiavel e Montaigne citam o delito capitolino para ilustrar concepções distintas da relação entre a moral e a política. O primeiro dá grande destaque ao caso em seu comentário da obra de Tito Lívio. A condenação de Marco Mânlio, apesar da sua vitória contra os gauleses, é uma das principais provas do amor dos romanos pela República (inclusive dos plebeus, supostamente os que seriam beneficiados por um eventual reinado de Marco Mânlio). Maquiavel destaca o seguinte comentário de Tito Lívio: “Ainsi finit cet homme qui eût laissé un beau nom, s’il n’était pas né dans un état libre” (VI, p. 20). A sedição – sedução do povo – por parte de Mânlio teria maior chance de sucesso em sociedades não republicanas ou em um período mais corrompido da história romana (como o da época de César), quando as instituições republicanas já não tinham o mesmo vigor. O episódio ilustra ainda a subordinação da moral à política. Segundo Maquiavel, em Mânlio Capitolino “se vê como a *virtù* de alma e corpo, como as boas ações realizadas em favor da pátria são anuladas pela torpe cupidez de reinar”.³² Maquiavel não quer dizer, como sugerem Plínio e Plutarco, que as qualidades de Mânlio exibidas na resistência aos gauleses eram falsas ou somente aparentes porque o seu verdadeiro motivo desde então já seria a conquista de um poder ilegítimo. O reconhecimento por todos os cidadãos romanos destas qualidades, evidente na dificuldade inicial de condená-lo, mostra a supremacia do valor republicano na Roma de então, pois o atentado contra a República não ficou impune por considerações de ordem sentimental (os fortes vínculos afetivos que Mânlio estabeleceu com os plebeus) ou

³⁰ “Ils ne voulaient pas l’absoudre contre les preuves les plus évidentes de son crime, et ils ne pouvaient le juger selon la rigueur des lois, quand la vue du Capitole leur remettait sans cesse devant les yeux la grandeur de ses exploits”. PLUTARCO. *Camille*, p. 36. Edição de propriedade de Machado, referida na nota 8 acima.

³¹ “Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro” (I, p. 1060). No sentido inverso, por duas vezes (cap. 136 e 139), a imagem de Escobar – o seu retrato na parede ou a similaridade que supõe ver no filho – faz com que Bento deixe de considerar a possível inocência da mulher, trazendo-o de volta à crença no adultério. Ao contrário, é esta mesma imagem que, em ocasião anterior (cap. 118), o dissuade de intenções adúlteras de Sancha (esposa de Escobar) em relação a si mesmo.

³² MAQUIAVEL. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, III, 8, p. 348.

moral (como a que a pena capital não seria justa para quem possuía tais qualidades e prestou tão grandes serviços).³³ Se transpusermos a leitura maquiavélica do delito capitolino para o romance de Machado teremos a subordinação da “*virtù* de alma e de corpo” de Capitu ao moralismo que regia o matrimônio na época (equivalente ao republicanismo no romance). Uma vez convicto do adultério, Bento tinha que condená-la não obstante os grandes benefícios que dela obteve no passado.

Montaigne, citado no capítulo 68, Adiegos a virtude, do romance,³⁴ cita o caso capitolino em duas ocasiões. A mais relevante é no ensaio III, 10 (“De mesnager sa volonté”),³⁵ cujo foco é a atuação política de Montaigne no conturbado cenário das guerras de religião da época.³⁶ Montaigne critica todo engajamento excessivo, seja a um partido, religião ou doutrina filosófica, que comprometa a isenção e objetividade do juízo, a integridade intelectual.³⁷ O ensaio mostra a importância do ceticismo filosófico de Montaigne em sua prática política.

Os homens entregam-se para locação. Suas faculdades não são para eles, são para aqueles a quem se sujeitam. Essa disposição comum não me agrada: é preciso poupar a liberdade de nossa alma e só hipotecá-la em ocasiões justas; as quais são em número muito pequeno, se julgamos sadiamente. (III, 10, 330)

O uso sadio do juízo é o ceticismo que leva à suspensão da crença. Montaigne aplica à política a distinção entre céticos acadêmicos e dogmáticos formulada por Cícero em seu livro sobre os céticos acadêmicos, citada e traduzida por Montaigne na “Apologia de Raymond Sebond” (*Ensaio* II, p. 12).³⁸ Descreve os filósofos dogmáticos como

³³ “[N]ão há exemplo mais apto [do que o de Mânlio] a demonstrar a bondade de todas as ordenações daquela república [...], ao mostrar que ninguém na cidade se moveu para defender um cidadão cheio de toda *virtù*, que tinha realizado muitíssimas obras louváveis, fossem públicas ou privadas. Porque em todos os cidadãos mais pesou o amor à pátria do que qualquer outra consideração; e deram muito mais valor aos perigos presentes que ele representava do que aos méritos passados” (MAQUIAVEL. *Discursos*, III, 8, p. 349).

³⁴ Trata-se de uma citação do ensaio II, p. 6 (“Do exercício”) que me parece crucial para o entendimento da natureza da narrativa de Bento: “ce ne sont pas mes gestes que j’écris; c’est moi, c’est mon essence” (I, 1004). Há uma semelhança evidente, que não cabe desenvolver aqui, entre o registro do eu de Montaigne nos *Ensaio*s e o do eu de Bento em *Dom Casmurro*, obra que coloca em questão a suposta falta de confiabilidade do narrador.

³⁵ “De poupar a vontade”, na tradução mais recente para o português. A outra ocasião está citada na nota 22.

³⁶ Montaigne era fiel seguidor e diplomata do partido real católico, opondo-se tanto aos protestantes quanto aos partidários da Liga Católica que exigiam uma política mais dura e intolerante em relação aos protestantes.

³⁷ “Não sei envolver-me tão profundamente e tão por inteiro. Quando minha vontade me cede a um partido, não é com um comprometimento tão intenso que meu entendimento se contagie” (III, 10, p. 342).

³⁸ “E, ao passo que os outros são levados (ou pelo costume de seu país, ou pela educação dos pais, ou por acaso, como por uma tempestade, sem julgamento e sem escolha, e mesmo quase sempre antes da idade do discernimento) a esta ou aquela opinião, à seita estoica ou à epicurista, à qual se encontram hipotecados, submetidos e presos como a uma armadilha que não podem soltar: [C] – “*ad quamcunque disciplinam velut tempestate delati, ad eamtanquam ad saxum adhaerescunt*” – [B] por que a estes aqui [os céticos acadêmicos] não será igualmente concedido que mantenham sua liberdade e considerem as coisas sem comprometimento e sujeição? [C] “*Hoc liberiores et solutiores quod integra illis est iudicandi potestas*” (II, 12, p. 256). Ver CÍCERO. *Academica*, II, p. 8-9.

“hipotecados, submetidos e presos” (II, p. 12, p. 256) às suas respectivas doutrinas,³⁹ ao passo que os céticos são livres por – não adotando doutrina alguma – manterem a integridade do seu intelecto (sua capacidade de julgar racionalmente com isenção).

O caso capitolino ilustra a moral de Montaigne de não demonizar o adversário (político, religioso ou filosófico) nem santificar o correligionário, mas manter sempre o juízo crítico, distanciado dos partidos e das paixões. No caso em questão, divergindo de todos os autores antigos já citados que trataram do delito capitolino, o fato de Mânlio ter tentado obter o poder por meios ilegais não apaga as virtudes exibidas anteriormente em sua resistência no Capitólio. O correto, segundo Montaigne, é condená-lo pelo crime que cometeu, mas sem retirar-lhe o título capitolino obtido por mérito na batalha contra os gauleses.⁴⁰ Cito a seguir a passagem de Montaigne no francês original lido por Machado, a qual mostra bem a analogia entre Capitolino e Capitolina.

Faut-il, si elle est putain, qu'elle soit aussi punaise? Aux siècles plus sages, revoqua on le superbe tiltre de Capitolinus, qu'on avoit auparavant donné à Marcus Manlius, comme conservateur de la religion et liberté publique? Estouffa on la memoire de sa liberalité et de ses faits d'armes, et recompenses militaires octroyées à sa vertu, parce qu'il affecta depuis la royauté, au prejudice des loix de son pays?⁴¹

Se Bento tivesse conseguido, como quer Montaigne, manter a integridade intelectual, se a paixão do ciúme não tivesse fatalmente comprometido o seu juízo e a própria percepção das coisas, não teria concluído que “a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos [...] como a fruta dentro da casca” (I, p. 1072). Mesmo convicto da infidelidade, deveria reconhecer os feitos e a sinceridade do amor de Capitu na primeira fase do relacionamento.

Pude verificar um último reaparecimento do delito capitolino antes de *Dom Casmurro*. O caso é transformado em tragédia por Antoine Lafosse d'Aubigny, pela primeira vez encenada em 1698. Apesar de a tragédia ter por título “Manlius Capitolinos”, a personagem realmente trágica é Servílio, mestre de cavalaria e um dos patrícios salvos por Capitolino quando da invasão gaulesa.⁴² A peça tem por cenário o momento crítico da sedição, quando vários plebeus encontram-se mobilizados no Capitólio em torno da residência de Mânlio, que conspira com os líderes plebeus a tomada do poder aos senadores, em particular ao cônsul Valério. Servílio é confidente de Mânlio, mas encontra-se dividido entre a lealdade a este último e o amor e fidelidade à mulher,

³⁹ “Seu discernimento só consegue optar pelo que lhes sorri e lhes fortalece a causa.” (III, 10, p. 344).

⁴⁰ Por mais que Montaigne discorde da conduta política violenta e sediciosa de Henri de Guise, líder da Liga Católica, não deixa de admirar suas qualidades (*Ensaio*, III, 10, p. 343).

⁴¹ Página 529 da edição dos *Ensaio*s citada na nota 9 acima. Na tradução brasileira: “E se ela for prostituta, é preciso que seja também fétida? Acaso, nos mais sábios séculos, revogaram o soberbo cognome de Capitolino, que anteriormente haviam dado a Marco Mânlio como guardião da religião e da liberdade pública? Acaso sufocaram a memória de sua liberalidade e de seus feitos de armas e recompensas militares concedidas à sua coragem, porque depois ele ambicionou a realeza, em prejuízo das leis de seu país?” (III, p. 10, p. 343-344).

⁴² Ver Tito Lívio, *Historia romana* VI, p. 20.

Valéria, filha de Valério. Valéria descobre a conspiração e, temendo pela vida do pai e da República, a denuncia às autoridades. Mânlio, sabendo que seria condenado à morte, pede a Servílio, poupado por ser genro de Valério, que o empurre do alto do Capitólio para que ele morra heroicamente no local dos seus grandes feitos. Servílio, sentindo-se terrivelmente culpado por ser a causa indireta da morte de quem lhe salvou a vida, faz o que lhe pediu Mânlio, mas se atira junto com o amigo. A tragédia se completa com o suicídio de Valéria ao saber da morte de Servílio.

Deixo ao leitor eventuais comparações entre esta versão da história e o romance de Machado. O caráter trágico de Servílio poderia ser transposto a Bento (dilacerado entre fidelidades irreconciliáveis ao grande amigo e à esposa) assim como o de Valéria poderia, talvez, ser transposto a Capitu. Seja como for, a relação desta retomada do caso capitolino com o romance de Machado parece-me bem menos direta do que as que podem ser estabelecidas com as outras narrativas examinadas.

Se a comparação do romance de Machado com estas diversas leituras do caso capitolino não parece corroborar a interpretação de Capitu como vítima inocente do ciúme doentio de Bento, que se tornou quase hegemônica desde o estudo de Caldwell, concluo com três observações que reequilibram a balança das interpretações.

1. Seria desnecessário insistir aqui sobre o evidente espaço para inovação na retomada literária de episódios e narrativas clássicas. Se Capitolina fosse simplesmente o Capitolino de saias, meramente adaptado à situação romanesca ambientada na vida social carioca da segunda metade do século 19, Machado não teria sido o grande criador que foi. Todo ou parte deste rico material histórico/ literário/ filosófico serviu somente de inspiração para Machado, que lhe deu um contorno particular.
2. Desconheço reapropriações literárias do delito capitolino entre d'Aubigny e Machado de Assis. Mas ideias libertárias e movimentos políticos radicais que ocorreram no lapso temporal entre o nascimento e a morte dos dois escritores, como a Revolução Francesa, não podem ser desconsiderados na retomada do caso por Machado de Assis. O suposto "delito" capitolino pode ser visto, a partir deste novo cenário político/ ideológico, não como crime, mas ao contrário, como uma ação revolucionária objetivando libertar os plebeus da submissão aos patrícios. A ação posterior de Mânlio, tal como por ele sustentada em discursos citados por Tito Lívio, não seria de forma alguma contrária, mas consistente com o heroísmo demonstrado contra os gauleses.⁴³ Nesta chave de leitura teríamos uma Capitu integralmente heroica e injustiçada.

⁴³ "Il faut qu'ils [les dieux] vous donnent le courage de l'empêcher, de même qu'ils m'ont donné le courage, comme soldat et comme citoyen, de vous défendre contre les barbares du dehors et les tyrans du dedans. Un si grand peuple a-t-il donc le cœur si petit, qu'il trouve qu'on le secourt toujours assez contre ses ennemis ? [...] Pourquoi [...] contre l'étranger avez-vous assez d'audace pour regarder comme un droit votre empire sur lui ? c'est que vous êtes habitués à lutter contre lui pour l'empire; contre les patriciens, à essayer votre liberté plutôt qu'à la revendiquer. [...] Il faut anéantir à jamais et dictateurs et consulats, pour que le peuple romain puisse lever la tête" (VI, p. 18).

3. Enfim, e para concluir com o que penso ser o contorno especificamente machadiano dado ao caso, parece-me que a importância maior do relato de Tito Lívio em relação aos demais não está no fato de este constar da biblioteca de Machado e o escritor utilizá-lo em crônicas, nem no fato de ser o mais detalhado de todos os disponíveis, nem por permitir, no final do século 19, uma leitura favorável a Capitu, mas por ser o único – entre os que conheço – que lança sombras quanto à culpabilidade de Capitolino. “De ce moment, il commença, dit-on, à tendre vers la royauté: mais par qui fut-il secondé, jusqu’où peut-il s’élever, c’est ce que la tradition n’apprend pas clairement” (VI, 18). Esta observação de Tito Lívio sobre a falta de evidências textuais em suas fontes sobre a real intenção de Mânlio é ainda mais explícita na passagem seguinte:

Au jour assigné [do julgamento], outre les réunions du peuple, des paroles séditeuses, des largesses suspectes et une fausse accusation contre le sénat, on dut articuler contre lui des griefs ayant directement rapport à l’ambition de la royauté, *mais je ne les trouve dans aucun historien* [ênfases adicionadas]. Il faut cependant que ces griefs aient été bien sérieux, puisque l’hésitation du peuple à le condamner tint, non à cause, mais au lieu où devait se rendre le jugement. (VI, p. 20)

Essas passagens colocam em questão a principal acusação, abordando o episódio por um viés jurídico evidentemente relevante na comparação com *Dom Casmurro*. Bento, advogado, recheia o seu relato com termos jurídicos. Suposta vítima e acusador – como, na leitura de um Maquiavel, foi o povo romano no episódio capitolino – Bento, em sua narrativa, não deixa, entretanto, como é bastante sabido, de semear muitas dúvidas sobre a culpabilidade da mulher. Aplicando-se a última passagem citada ao romance de Machado, podemos dizer que Capitu cometeu pequenos delitos, como afetar uma dor de cabeça para não acompanhar o marido ao teatro,⁴⁴ mas a principal e mais grave acusação não é sustentada de forma inequívoca pelo esposo. Ao contrário, já argumentei em trabalho anterior que o narrador de *Dom Casmurro* constrói sua narrativa de forma a estabelecer uma equipolência a favor e contra a hipótese do adultério.⁴⁵ Tito Lívio dá a entender que a única evidência da culpabilidade no que diz respeito à acusação mais grave é a força e unanimidade da convicção dos acusadores. Ora, o ceticismo de Montaigne – autor chave no romance de Machado – expõe amplamente a fragilidade de tal “evidência”. Estas considerações reequilibram a balança que parecia pender para a hipótese da infidelidade, mostrando que a comparação com as fontes disponíveis do caso capitolino não são capazes – felizmente – de elucidar o enigma da nossa Capitu.⁴⁶



⁴⁴ Capítulo 13, Embargos de terceiros.

⁴⁵ Ver MAIA NETO. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, p. 147-159.

⁴⁶ Agradeço a leitura prévia de versões anteriores deste texto e as lúcidas críticas e sugestões feitas por Newton Bignotto e Elene Cristina Pereira Maia.

ABSTRACT

Titus Livius describes in detail the rise and fall of Marcus Manlius Capitolinus during the heroic times of the Roman republic. The Capitolinus case was well known among the ancients. It was mentioned by Cicero in his political speeches and carefully examined by Plutarch in his *Life of Camilus*. In the Renaissance, Capitolinus' fault is highlighted by Machiavelli and cited by Montaigne to illustrate conflicting political philosophies. In the late seventeenth century the case stills inspires a tragedy by Lafosse D'Aubigny that was often staged in Paris until the middle of the nineteenth century. The present article compares these diverse reappraisals of the Capitolinus case with Machado de Assis's novel *Dom Casmurro*.

KEYWORDS

Machado de Assis; Capitu; Capitolinus

REFERÊNCIAS

- CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Um estudo de *Dom Casmurro*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editoria, 2002.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Academica*. Trad. H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1994. (Loeb Classical Library).
- FARIA, João Roberto. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva e Fapesp, 2001.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo. Uma reinterpretação de Dom Casmurro*. Trad. Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras e Topbooks, 2001.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Roberto. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.
- MAIA NETO, José R. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MOMMSEN, Theodor. *Histoire romaine*. Paris: C. Marpon e R. Flammarion, 1882. 7 v.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 3 v.
- PINHEIRO DE FREITAS, Luiz Alberto. "Eu não amo. É ela que o ama!" In SCHPREJER, Alberto (org.). *Quem é Capitu?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 127-138.
- PLUTARQUE. *La vie des hommes illustres*. Trad. Ricard. Paris: Firmin Didot, 1836 e 1838. 2 v.

TITE-LIVE. *Histoires Romaines*. Trad. M. Gaucher. Paris: Hachette, 1867. 4 v.

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras e Topbooks, 2001, p. 99-274.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de *Dom Casmurro*. In: _____. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 9-41.